

Senhor Governador de Minas Gerais  
Senhor Ministro Federal  
Senhor Presidente José Sarney  
Senhor Embaixador José Aparecido de Oliveira  
Senhor Prefeito de Ouro Preto  
Exm<sup>as</sup>. Autoridades Cívicas,  
Militares e Religiosas  
Senhoras e Senhores  
Povo de Ouro Preto

Por amável convite do Senhor Governador Aécio Neves e do Senhor Prefeito de Ouro Preto, Araújo Santos, aqui estou, nesta histórica e encantadora cidade de Ouro Preto, muito em especial para um português, nesta terra património da humanidade, vindo expressamente do outro lado do Atlântico, para vos trazer, nesta hora simbólica, o abraço fraterno e sempre solidário de Portugal.

Venho para participar, com enorme honra e alegria, nesta dupla celebração que hoje invocamos em 21 de Abril: o dia de Tiradentes, o "herói maior" da "Inconfidência Mineira" e mártir da independência do Brasil; e, ao mesmo tempo, celebrar o vigésimo aniversário da retomada do moderno processo democrático brasileiro, que ficou, indelevelmente, marcado pelo tristíssimo acontecimento do falecimento do saudoso Doutor Tancredo Neves, o primeiro Presidente eleito do Brasil, após a longa ditadura militar.

Por força de um destino, propício a lances inesperados, estou fortemente ligado aos dois acontecimentos. Com efeito, na qualidade de Presidente da República Portuguesa, procedi a uma cerimónia inesquecível na Embaixada do Brasil, em Lisboa, em 7 de Setembro de 1994, sendo então embaixador o nosso querido José Aparecido de Oliveira, mineiro de gema e cidadão honorário, por direito próprio, da Comunidade dos Povos (mais do que dos Países) de Língua Portuguesa, à reabilitação histórica do "animoso" Alferes Joaquim José da Silva Xavier, como chamou Cecília Meireles a Tiradentes, no fabuloso "Romanceiro da Inconfidência".

Como poderia ter procedido de outro modo, eu, que representava um Portugal novo, democrático, anti-colonialista e de progresso, saído da "Revolução dos Cravos", pacífico e tolerante, que cortara cerce com um longo passado colonial de outras eras, que não nos envergonha - bem pelo contrário - pondo fim às obsoletas e absurdas guerras coloniais, de acordo com as resoluções da ONU, e concedendo a independência a todas as nossas antigas colónias, hoje Estados soberanos, membros da CPLP? Na verdade a reabilitação da memória de Tiradentes, libertando-o do estigma de infâmia com que o Governo de D. Maria I, já meia louca, o pretendia manchar, inscreve-se na mesma linha de pensamento republicano que levava o Presidente António José d'Almeida, na sua histórica viagem ao Brasil, em 1922, a "agradecer aos brasileiros terem-se tornado independentes", um gesto simbólico de profunda fraternidade, fundador do moderno relacionamento entre Portugal e Brasil.

Por outro lado, tive a grata honra de receber, ainda como primeiro ministro, a visita a Portugal do Presidente eleito do Brasil, Doutor Tancredo Neves, personalidade política impar, de uma simpatia pessoal esfuziante e de uma argúcia e sentido político verdadeiramente excepcionais. Acompanhei-o a Coimbra - visita em que participou o Senhor Governador Aécio, aqui presente - para receber na velha "Alma Mater" o doutoramento honoris causa pela Universidade de Coimbra. Viagem e cerimónia inesquecíveis, que marcaram um dos pontos mais altos do moderno relacionamento entre os dois Estados irmãos, Brasil e Portugal.

Desloquei-me, depois, propositadamente ao Brasil para assistir ao investimento do Presidente Tancredo Neves, em Abril de 1985, momento político-cultural transcendente que deveria assinalar a grande viragem histórica do Brasil para a Democracia e a Modernidade.

Estava marcado um jantar na embaixada portuguesa, em Brasília, sendo embaixador Adriano de Carvalho, na véspera da investidura. O Presidente Tancredo e sua Esposa, a bondosa D. Risoleta, eram, naturalmente, os convidados de honra. Porém, à última hora, tinham-nos comunicado não poder assistir, por motivo de "uma pequena indisposição de saúde do Presidente". Havia rumores, entre os presentes, de que a "indisposição presidencial" era, afinal, mais grave do que parecia. Lembro-me da aflição dos convidados e, em especial, do semblante carregado de preocupação indisfarçável do também saudoso Dr. Ulysses Guimarães. Num certo momento foi chamado ao telefone e teve de sair. A partir daí tudo se complicou. O Presidente eleito depois de escassos dias de luta contra a morte, faleceu em S. Paulo e, nos termos constitucionais, assumiu o seu lugar o então Vice-Presidente, José Sarney, escritor e político de excepcional qualidade que, pela sua acção doura e ponderada, conseguiu estabilizar o processo democrático brasileiro.

Tancredo Neves foi um político paradigmático neste Estado de Minas Gerais, tradicionalmente de grandes políticos. Nasceu em 1910, ano da implementação da República em Portugal, em S. João del Rei. Licenciou-se em direito em Belo Horizonte. Político experimentado, subiu todos os degraus de uma longa carreira política, desde vereador de S. João del Rei a Presidente da República. Exerceu a advocacia entre 1937 a 1945, foi deputado estadual e federal e primeiro ministro no Governo parlamentarista de João Goulart (1961-62), em condições particularmente difíceis, quando a sombra sinistra da intervenção militar começava a despontar no horizonte. Voltou a ser deputado federal entre 1963-66 e reeleito em 1966-1979 e depois senador, tendo sido reeleito pelo PMDB, em 1982, participando activamente no movimento em favor de uma democracia plena. Entre 1983-84 foi Governador de Minas Gerais. Eleito Presidente da República Federativa do Brasil não chegaria a assumir as suas altas funções, em virtude do seu inesperado falecimento.

Esta é, a traços necessariamente muito rápidos, a biografia de um homem que hoje respeitavelmente homenageamos e que, pela sua devoção ao serviço público, ficou na história como um dos fundadores da moderna democracia brasileira.

Quero terminar esta despreziosa intervenção, nesta tão impressionante cerimónia cívica, com breves reflexões ditadas pela admiração que nutro pelo Brasil, como português que segue com paixão o evoluir da actualidade brasileira. Visto da Europa o Brasil é hoje o país líder da Ibero-América e o motor do Mercosul com o qual é indispensável estabelecer uma ponte não só no plano das relações económicas e comerciais mas também políticas e culturais. O Brasil é hoje um país em plena expansão, candidato indiscutível a membro permanente do Conselho de Segurança das Nações Unidas, com relações significativas em todos os Continentes e o reconhecimento, desde Cancun, de grandes países emergentes como a China, a Índia e a África do Sul. Mas as suas raízes e o humanismo universalista que professa, são latinas, europeias e especialmente portuguesas, como escreveu há várias décadas Sérgio Buarque de Holanda no seu belo livro "Raízes do Brasil".

Atrevo-me por isso a dizer - aqui e agora - que Portugal, país médio europeu, inserido há vinte anos na CEE e na União Europeia, comparativamente tão pequeno em relação ao Brasil, não deve ser menosprezado como parceiro no nosso especial relacionamento político, económico, social e cultural. A expansão da nossa língua comum, das nossas culturas historicamente tão entrelaçadas e do nosso intercâmbio económico-comercial, no quadro de duas democracias pluralistas consolidadas, devem ser, pois, promovida e estimuladas, no âmbito da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa que cada vez mais deve ser não só de Países mas também dos Povos que a compõem.

Ora no amplíssimo quadro da República Federativa do Brasil, cuja unidade e harmonia surpreende o mundo global, pleno de divisões irreduzíveis, não haverá Estado melhor vocacionado para compreender a realidade luso-afro-brasileira, abraçando o Atlântico, do que este belo e histórico Estado de Minas Gerais. Por isso estou tão contente por estar entre vós, nesta bela festa cívica de homenagem a Tiradentes e a Tancredo Neves, realizada sob a égide do Governador Aécio Neves, ao qual auguro um futuro promissor, festa que conta com a tão significativa presença de dois ilustres brasileiros de cultura portuguesa, José Sarney e José Aparecido de Oliveira.

Muito obrigado!

Ouro Preto, 21 de Abril de 2005